

**GARIMPANDO MEMÓRIAS:
ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E DANÇA**

Organizadoras:

Silvana Vilodre Goellner
Angelita Alice Jaeger

Porto Alegre
Outubro - 2006

FICHA CATALOGRÁFICA

© dos autores

1ª edição: 2007

Direitos reservados desta edição:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Flavio Gonçalves

Revisão: Fernanda Kautzmann

Editoração eletrônica: Vanessa da Silva/ Gênese Artes Gráficas

G232 Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança /
organizado por Silvana Vilodre Goellner e Angelita Alice Jaeger.

– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

(Série Esporte, Lazer e Saúde)

Inclui referências.

Inclui quadros.

1. Educação física. 2. Memória e sociedade. 3. Lazer. 4. Esportes.
5. Dança. 6. Práticas corporais. 7. Práticas esportivas. 8. Mulheres –
Corpos – História. I. Goellner, Silvana Vilodre. II. Jaeger, Angelita
Alice. III. Série.

CDU 796

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.

(Ana Lucia Wagner – Bibliotecária responsável CRB10/1396)

ISBN 978-85-7025-931-8

GARIMPANDO MEMÓRIAS: ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E DANÇA NO RIO GRANDE DO SUL⁴

Silvana Vilodre Goellner⁵ Johanna Coelho von Muhlen⁶,
Anna Maurmann⁷ e Camile Saldanha Bueno Romero⁸

Não há dúvidas que as práticas corporais e esportivas configuram, hoje, um fenômeno cultural com grande abrangência e visibilidade no cenário mundial. As diferentes modalidades esportivas, a dança, a educação física escolar, as atividades de lazer, as lutas e as práticas corporais alternativas, por exemplo, envolvem sujeitos em diferentes contextos culturais, seja como praticantes, seja como espectadores. São práticas regulares que se desenvolvem no cotidiano das cidades modernas despertando interesse, mobilizando paixões, evocando sentimentos, criando representações de corpo e saúde, enfim, convocando nossa imediata participação.

Ainda que estas sejam práticas que adquiriram centralidade na vida moderna, há que referenciar que não são invenções do presente. Resultam de conceitos e práticas há muito estruturadas no pensamento ocidental cujos significados foram e são alterados não só no tempo, mas também no local onde aconteceram e acontecem. Em outras palavras, possuem história. História feita pela ação de diferentes homens e mulheres que, a seu tempo, realizaram ações que consolidaram estas práticas influenciando, de certa forma, o que hoje vivenciamos.

A complexidade do mundo contemporâneo, o crescente e rápido processo de individualização do sujeito urbano, o acelerado ritmo das modificações tecnológicas, a profusão de informações a interpelar homens e mulheres cotidianamente e mesmo a superficialidade com que, muitas vezes, essas informações são veiculadas têm diminuído o poder seletivo da memória, ou seja, a capacidade de eleição do que é ou não importante armazenar. Tal perda tem sido apontada, por profissionais que atuam no campo da informação, como um elemento a colaborar na estruturação de sociedades do esquecimento (Simson, 2001). Para evitar o esquecimento, há que preservar a memória e reconstruir histórias.

⁴ Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPQ

⁵ Professora Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano/ESFE/UFRGS. Bolsista Produtividade em pesquisa do Cnpq

⁶ Professora de Educação Física e Especialista em Pedagogia do Corpo e da Saúde/ESEF/UFRGS. Bolsista Apoio Técnico do Cnpq

⁷ Acadêmica do Curso de Educação Física/ESEF/UFRGS. Bolsista Iniciação Científica do Cnpq

⁸ Acadêmica do Curso de Educação Física/ESEF/UFRGS. Bolsista Iniciação Científica do Cnpq

Entendendo que as práticas corporais e esportivas são constituidoras não apenas da vida cotidiana de um país, mas de referências identitárias de sua cultura e sua população, percebemos como de extrema importância o papel desempenhado pelos museus esportivos, centros de memória e de documentação, na medida em que sua intervenção política se destina não somente a agrupar dados, objetos, documentos, experiências individuais e coletivas mas, fundamentalmente, a preservar e transmitir informações oriundas de suas coleções às novas gerações, por entender que ali se alojam conhecimentos de grande significação social. São, portanto, lugares da memória que devem, sobretudo, disponibilizar informações específicas a quem por elas se interessar. Em outras palavras: um centro de memória ou museu não é um espaço onde se depositam velhas imagens, idéias, objetos e palavras. Ao contrário, nele reúnem-se vivas experiências que ajudam a entender o presente não no sentido de justificá-lo, mas de buscar várias possíveis respostas aos vários questionamentos que hoje podemos empreender. Afinal, a memória não nos aprisiona ao passado mas nos conduz a indagar o presente (Goellner, 2003).

Decorrente dessa percepção nasceu, em 2003, Projeto Garimpando Memórias⁴ cujo objetivo geral é a reconstrução e preservação da memória das práticas corporais e esportivas do Rio Grande do Sul. Sua principal ação está direcionada para coleta de depoimentos de pessoas que tiveram e tem relevância no campo da estruturação e legitimação dessas práticas, sejam elas individuais, de grupos/clubes sociais e de instituições.

Ainda que diferentes ações desdobrem-se a partir do contato com as pessoas, o foco da pesquisa é a realização das entrevistas cuja realização e processamento insere-se dentro da perspectiva teórica-metodológica da História Oral, entendida aqui a partir de três grandes atribuições: como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas; como um método de investigação científica; como uma fonte de pesquisa. Mais do que definir exatamente o que seja História Oral é pertinente pensar que, desde meados do século XX, vários pesquisadores/as e autores/as a têm empregado de diferentes formas e em diferentes campos disciplinares, e através dela produzido muitos textos acadêmicos, científicos e literários. Talvez uma dificuldade encontrada para a sua definição está situada no fato de que a História Oral não pertence a um domínio estrito

⁴ Projeto de pesquisa coordenado pela profa. Silvana Vilodre Goellner. Está vinculado ao Centro de Memória (CEME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS) e tem apoio do CNPq, FAPERGS, PROPESQ-UFRGS e Ministério do Esporte.

do conhecimento, ela não encerra um estatuto independente sendo que uma das suas especificidades reside no fato de que ela pode ser utilizada em diferentes abordagens e assim transitar em um terreno pluridisciplinar (Camargo, 1989; Thompson, 1992; Ferreira e Amado, 1996).

Essa forma de atuar com História Oral, associando pesquisa e documentação, data da segunda metade do século XX quando se constituiu na historiografia mundial, um movimento de contraposição à História positivista que, entre outras referências, atribuía “status” de documento apenas aos documentos escritos e, preferencialmente, oficiais. Ou seja, é no âmbito de um movimento epistemológico da própria historiografia que a História Oral ganha espaço e conquista respeito como um método de investigação.

Com relação ao projeto “Garimpendo Memórias” cabe destacar algumas de suas especificidades: a primeira delas é que, ao utilizar as entrevistas como forma de coletar informações/depoimentos, não está sendo proposto um trabalho que busque a verdade. O documento (a entrevista) não é observado como um relato do que efetivamente ocorreu, mas como uma versão do entrevistado. Afinal, a memória pode falhar, pois entre o acontecido e o narrado há um tempo decorrido. O ato de rememorar, além de estar atrelado ao que se quer e se pode rememorar, pode conter distorções, descompassos, deslocamentos, ênfases e ocultamentos. O importante, então, é incluir essas ocorrências na trajetória da pesquisa tentando apreender as razões pelas quais a pessoa concebe o passado de uma forma e não de outra.

Outra especificidade reside na percepção de que o documento a ser produzido a partir do depoimento oral, privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. Razão pela qual, não se pode pensar em História Oral sem pensar em biografia e em memória pois narrar histórias é reconstruir a memórias, Ou seja, trazer do passado experiências individuais e coletivas, pois ainda que a memória seja guardada por um indivíduo e tem como referência suas experiências e vivências, essa memória está marcada pelo grupo social onde conviveu e se socializou. E esse caráter social constitui-se em um elemento essencial da formação de sua identidade, da percepção que tem de si mesmo e dos outros. Cabe ressaltar, como bem expressou Henry Rousso:

Se o caráter coletivo de toda a memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da idéia de que existe uma “memória coletiva”, isto é, uma presença e portanto uma representação do passado que sejam compartilhadas nos

mesmos termos por toda uma coletividade (ROUSSO,1996, p. 95).

Assim como a entrevista está intimamente relacionada à memória, entendida como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado, seu processamento articula, simultaneamente, pesquisa e documentação porque possibilita, também, a produção de um documento histórico. Daí sua riqueza, pois “a evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para um história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*” (Thompson, 1992, p. 136). Não no sentido de que o que está sendo relatado efetivamente aconteceu assim, mas de que há ali uma vida a ser exposta a partir de quem a viveu. Nesse sentido, muitos devem ser os cuidados para a realização e processamento da pesquisa onde se torna fundamental saber respeitar a pessoa entrevistada sem alterar o significado do que pensa, relata e conta.

Tendo em vistas estas considerações e seguindo os caminhos metodológicos necessários à construção de uma cuidadosa pesquisa baseada na coleta de depoimentos e a transformação destas em fontes de pesquisa, descrevemos, a seguir, os procedimentos metodológicos adotados:

1. Identificação das pessoas a serem contatadas para as entrevistas - a partir das questões norteadoras mapear nomes em arquivos, jornais, atas, registros, revistas, enfim, naqueles arquivos/acervos onde é possível acessar alguma informação inicial;
2. Elaboração de roteiros para cada entrevista – Este procedimento é realizado depois de haver garimpado algumas informações sobre o/a entrevistado/a e sua relação com o tema da entrevista, o que requer pesquisa prévia. Dois podem ser os eixos a conduzir a entrevista: a História de vida e/ou a temática central da pesquisa;
3. Realização da entrevista – A entrevista é gravada mediante a atuação de dois/duas entrevistadores/as. Um/uma se responsabiliza pela parte técnica (gravador, microfone, informações a serem coletadas depois da entrevista) e outro/a conduz todo o processo de entrevista tentando captar informações a partir da temática da pesquisa. Não raras vezes os/as entrevistados/as incluem em suas falas informações que pouco dizem aos objetivos da pesquisa. Cabe, então, a este/a entrevistador/a estar muito atendo/a as respostas e ao conteúdo da entrevista de forma a não perder informações importantes para a elaboração da pesquisa;

4. Processamento da entrevista - refere-se ao processo envolvido na passagem do depoimento da forma oral para a escrita, incluindo as seguintes etapas: a) Transcrição – passagem do documento da forma oral para a forma escrita constituindo-se na primeira versão escrita do documento. Segue algumas normas objetivando a padronização de todas as entrevistas, como por exemplo: cabeçalho, marcações na entrevista (risos, emoção, ênfases, palavras em língua estrangeira, siglas, etc), interrupção de fita, troca de fita, enunciados incompletos, etc.; b) Conferência de fidelidade – Consiste em conferir se o que está gravado foi transcrito. É realizada escutando-se o depoimento e ao mesmo tempo lendo sua transcrição corrigindo, no papel, erros, omissões e acréscimos indevidos feitos no processo da transcrição. Nessa etapa é possível fazer pequenas alterações visando adequar o depoimento a sua forma escrita e, assim, viabilizar sua consulta; c) Copidesque – Depois de feita a conferência de fidelidade, a entrevista necessita de um último tratamento para poder ser consultada em sua forma escrita e, assim, se constituir como fonte para outras pesquisas e consultas. Consiste em dar ao depoimento oral uma forma escrita sem modificar a entrevista respeitando a correspondência entre o que foi dito e o que está escrito. A ação do copidesque limita-se a corrigir erros de português, (concordância, ortografia, acentuação), ajustar o texto às normas de padronização da pesquisa (maiúsculas e minúsculas, numerais, aspas, negrito, asterisco, etc) supressão de cacoetes de linguagem e de expressões de acompanhamento do entrevistador. Enfim, esse é um momento do processamento que exige muito cuidado e sensibilidade para que não seja alterado o significado do que foi dito mas apenas se dê ao documento escrito uma forma que se torne de fácil entendimento;
5. Pesquisa – depois de feito o copidesque, a entrevista passa por um processo de pesquisa onde as informações nela contidas são conferidas cuidadosamente visto tratar-se de um documento a ser disponibilizado para consulta. Nesse momento é necessário recorrer a dicionários, enciclopédias, pesquisas em arquivos de jornais, Internet, livros, ao próprio entrevistado ou outras pessoas que tenham conhecimento sobre o tema. A pesquisa objetiva conferir mais verossimilhança ao documento, isto é, a partir do que foi dito tentar aproximá-lo o mais possível do acontecido e narrado. Informações sobre nomes próprios, datas, clubes, escolas, times, parques, eventos, palavras não comuns, títulos de livros, periódicos, jornais, siglas, passagens

obscuras das entrevistas, são pesquisadas em diferentes fontes conferindo ao documento a maior plausibilidade possível.

6. Elaboração do sumário – Objetivando facilitar posteriores consultas, cada entrevista apresenta um sumário e uma pequena biografia do/a entrevistado/a.
7. Devolução da entrevista na linguagem escrita para conferência do/a entrevistado/a. Esse procedimento é feito apenas quando a pessoa solicita ler a entrevista antes de assinar a carta de cessão dos direitos autorais.
8. Carta de cessão de direitos autorais – Consiste na assinatura, por parte do/a entrevistado/a, de um documento concedendo ao Centro de Memória do Esporte do Esporte da Escola de Educação Física a propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental. Geralmente a carta é assinada no momento da entrevista salvo em alguns casos, quando a pessoa solicita a leitura da entrevista antes de assiná-la.
9. Catalogação da entrevista – realizada conforme orientações específicas do Centro de Memória do Esporte visando a organização do acervo de memórias;
10. Disponibilização do documento escrito para consulta *in loco* e *on line* e do áudio para consulta *in loco*.

Cumpridos estes procedimentos inicia-se a construção das Histórias, pois o que foi feito até esse momento é a escolha e a fabricação do documento, no caso oral e também escrito. O documento é um registro da memória dos sujeitos e dar-lhe significação é tarefa do/a historiado/a. Ou seja, a partir dos dados da memória produzir

História. Afinal,

não se pode esquecer que os problemas que caracterizam os inquéritos da historiografia – formulados de acordo com regras e especificidades metodológicas próprias – só poderão nascer no seio da memória (pessoal e colectivas) adquiridas por experiência pessoal e por transmissão oral e escrita (CATROGA, 2001, p. 57).

Para além da realização e processamento das entrevistas, o Projeto Garimpendo Memória atua em outras direções tais como a coleta, restauração e preservação de fontes documentais e/ou iconográficas cedidas pelos entrevistados e/ou doadas ao CEME. O fato de estar alojado no Centro de Memória permite, ainda, que os dados reunidos sejam não apenas preservados mas também disponibilizados para a comunidade em

geral, seja através de consulta in loco ou on-line, seja através da realização de oficinas temáticas, exposições fixas e itinerantes, cursos e palestras, entre outras⁵.

A realização de pesquisas tem sido outra forma de garimpar memórias. Desde a sua criação vários/as bolsistas envolveram-se no Projeto e desse envolvimento emergiram temas individuais de pesquisa. Uma delas analisou a criação da Maratona de Porto Alegre⁶, competição que já se encontra em sua 23ª edição. O texto analisou a emergência, no Brasil do chamado "movimento de corridas de rua", que buscou difundir esta prática pelas principais capitais brasileiras, criando clubes de corredores e competições específicas. No contexto de Porto Alegre, enfatizou a criação do CORPA (Clube dos Corredores de Porto Alegre), em 1981, órgão responsável pela organização Maratona de Porto Alegre, que teve sua primeira edição em 1983. A pesquisa analisou, ainda, as condições que propiciaram a criação desta Maratona que, de uma prática corporal de lazer foi, gradativamente, transformando-se em um grande evento esportivo.

*O elegante esporte da rede: a estruturação do voleibol feminino no Rio Grande do Sul*⁷, foi o título de uma pesquisa que analisou o voleibol feminino gaúcho entre as décadas de 1940 e 1970. O recorte temporal se deu em função da ascensão e difusão desta modalidade esportiva no Estado que, neste período, teve ampla divulgação na mídia, em especial escrita, onde figuravam não apenas reportagens sobre os jogos mas muitas imagens e fotografias das jogadoras. As atletas entrevistadas, em sua maioria, identificaram que a visibilidade que as moças atingiam ao dedicarem-se ao voleibol possibilitou a ampliação da sua ação em outros espaços sociais visto que, de certa forma, sua participação no esporte movimentava representações do feminino e masculino fazendo emergir tensionamentos e discutindo os espaços da mulher na sociedade riograndense.

Considerando que as primeiras sociedades de ginástica no Brasil foram fundadas por imigrantes alemães, muitos deles estabelecidos no Rio Grande do Sul, a ginástica olímpica também foi um tema de investigação. A pesquisa denominada *História da*

⁵ Maiores informações podem ser encontrados no *site* do Centro de Memória do Esporte: <http://www6.ufrgs.br/esef/ceme/>.

⁶ Intitulada *Memórias da criação da Maratona de Porto Alegre* foi a monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física (ESEF-UFRGS) de Giovanni Felipe Ernst Frizzo. Publicada em setembro de 2006 na Revista Digital Lecturas: Educacion Física y Deporto. Endereço: <http://www.efdeportes.com/efd100/maratona.htm>

⁷ Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física (ESEF-UFRGS) de Karine Dalsin. A pesquisa foi publicada na Revista Movimento Volume 12, número 1, Ano 2006, pp. 153-171 sob o título *O elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60*.

*Ginástica Olímpica em Porto Alegre*⁸ analisou a relação entre a estruturação da ginástica olímpica e o germanismo, mais especificamente, o fortalecimento da identidade alemã através do pertencimento clubístico.

Em *Da estruturação à consolidação do remo no cotidiano esportivo da cidade de Porto Alegre*⁹ foi desenvolvida uma análise que privilegiou o período compreendido entre as décadas de 40 e 60 do século XX, momento no qual o remo se estruturou e se consolidou como uma importante manifestação cultural da cidade de Porto Alegre. Foram realizadas treze entrevistas com pioneiros desta prática esportiva na cidade de Porto Alegre cujas análises permitiram afirmar que as modificações políticas que aconteceram em função do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial alteraram o cotidiano das agremiações de remo possibilitando que mulheres, trabalhadores de média/baixa renda e universitários pudessem participar de um esporte, anteriormente atrelado às elites da cidade.

A pesquisa *História do Movimento Estudantil de Educação Física no Rio Grande do Sul (1956-1964)*¹⁰, tematizou a organização dos estudantes de Educação Física no Brasil e, mais especificamente, em Porto Alegre. Através do depoimento de ex-dirigentes do Movimento Estudantil e de uma gama de fontes documentais foram analisados importantes atuações deste Movimento, tais como: a) a greve dos estudantes da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil; b) a fundação da União Nacional de Estudantes de Educação Física; c) a organização do primeiro Congresso Nacional de Estudantes de Educação Física, ocorrido no Rio de Janeiro e d) a criação do Diretório Acadêmico da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em relação à ESEF-UFRGS, a pesquisa narrou algumas das principais atuações do seu Diretório Acadêmico como, por exemplo, a mobilização que exigia a demissão de um de seus diretores na década de 70 bem como a articulação que teve junto ao Movimento Nacional de Estudantes de Educação Física que possibilitou que fossem realizados, em Porto Alegre, dois de seus congressos nacionais.

⁸ Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física (ESEF-UFRGS) de Bárbara Guaragni Calza (2005).

⁹ Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física (ESEF-UFRGS) de Luanda dos Santos Dutra (2004).

¹⁰ Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física ESEF – UFRGS de Leon Frederico Kaminski (2005).

O texto *ESEF 65 Anos: entre memórias e histórias*¹¹ se originou de uma pesquisa desenvolvida coletivamente ao longo de um ano. Foi realizada em comemoração aos sessenta e cinco anos da fundação da Escola de Educação Física, completados no mês de maio de 2005. Foram realizadas 48 entrevistas com professores, servidores técnicos-administrativos e acadêmicos que ainda estavam atuando na Escola ou que já fizeram parte de seus quadros. Ao privilegiar a memória dos entrevistados a pesquisa foi desenvolvida de forma a não se constituir como uma história oficial da instituição, mas fundamentalmente, como uma narrativa construída por quem vivenciou parte da história dessa instituição.

Atualmente estão em andamento algumas pesquisas das quais destacamos:

a) *Jogos Abertos Femininos: espaço de visibilidade das mulheres no esporte gaúcho*¹² que objetiva construir a história dos Jogos Abertos Femininos, evento esportivo que acontecia, anualmente, em Porto Alegre entre 1954 a 1963. A pesquisa analisa como fontes primárias de investigação o Jornal Folha da Tarde, que promovia e dava cobertura aos jogos, os arquivos dos clubes esportivos de Porto Alegre, dentre os quais o da Sociedade Ginástica Porto Alegre, que sediava grande parte das competições bem como os acervos do Correio do Povo, do Museu Hipólito da Costa e do Centro de Memória do Esporte. Analisando alguns desses documentos, é possível afirmar que o Jornalista Túlio de Rose idealizou esses jogos, inspirado nos Jogos da Primavera realizados no Rio de Janeiro. Dentre os aspectos que deram maior visibilidade aos Jogos Abertos, podemos destacar a emergência de algumas modalidades esportivas que, a partir da realização dos Jogos Abertos, passaram a ser praticadas em maior número pelas mulheres, tais como o tiro ao alvo, a pesca e o tênis de mesa.

b) *Geny Mascarello: um ícone feminino do esporte gaúcho*¹³. Esta pesquisa busca analisar a trajetória desta importante corredora gaúcha cuja trajetória esportiva proporcionou maior visibilidade às mulheres no campo dos esportes de rua, em especial as corridas. A partir dos depoimentos de Geny e de outras participantes de corrida de

¹¹ Pesquisa coordenada por Silvana V. Goellner e que contou com a participação efetiva, em todas as etapas de seu desenvolvimento, de Karine Dalsin, Luanda dos S. Dutra, Giovanni E. Frizzo, Johanna C. von Muhlen, Camile S. Romero, Ana Paula Duarte, Heloisa P. Carmona e Leila C. Mattos. Foi publicada na Revista Movimento, Volume 11, n. 3, p. 201-218, 2005.

¹² Pesquisa desenvolvida por Anna Maurmann, bolsista Iniciação Científica do CNPq.

¹³ Pesquisa desenvolvida por Rossana Vicenti Ramos, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-ESEF-UFRGS).

rua já é possível afirmar que sua carreira é tomada como exemplar e mesmo como motivadora para a prática da corrida por várias jovens atletas.

c) A pesquisa *Memória do judô feminino do Rio Grande do Sul: histórias a serem contadas*¹⁴ parte do princípio de que, ao longo da história do esporte, não raras vezes é possível identificar que a prática de esportes considerados violentos foi dificultada para as mulheres devido a aspectos sociais e culturais, cujas justificativas apoiam-se no aspecto biológico do corpo, atribuindo à mulher características de fragilidade. Esta pesquisa objetiva analisar a inserção da mulher gaúcha numa modalidade habitualmente considerada como masculina: o judô. Pretende, mais especificamente, reconhecer quais foram as primeiras praticantes da modalidade na cidade de Porto Alegre, tendo como ponto de partida a carreira esportiva de Léa Maria Chaves Linhares, a primeira judoca a se tornar faixa preta no Rio Grande do Sul. A pesquisa se encontra em fase inicial, no entanto, é possível identificar que a inserção da mulher gaúcha no judô, foi plena de contradições. Ao mesmo tempo em que havia grande divulgação nos jornais de Porto Alegre do judô para mulheres como prática de defesa pessoal, não havia divulgação nem incentivo para competições femininas.

d) *Memórias da dança no Rio Grande do Sul: João Luiz Rolla*¹⁵, aborda a trajetória de um homem num espaço cultural predominantemente associado ao feminino. Analisa diferentes momentos da carreira de João Luiz Rolla (1912-1999) desde sua inserção no *ballet* clássico como bailarino e, posteriormente, como professor e coreógrafo.

Para além da realização das entrevistas, do seu processamento para constituírem-se como fontes primárias e da realização de pesquisas de cunho historiográfico o projeto prevê, ainda, a restauração, conservação, digitalização, catalogação e disponibilização para consulta, tanto do seu acervo, como daqueles materiais cedidos ou emprestados ao CEME¹⁶. Uma outra fase traduz-se então na organização de uma série de atividades que buscam socializar as informações advindas destas entrevistas como, por exemplo, a realização de oficinas temáticas, exposições, cursos, mostras fotográficas e exibição de vídeos. Estas ações buscam não apenas divulgar os conhecimentos produzidos mas, fundamentalmente, sensibilizar crianças, jovens e adultos sobre a importância da preservação da memória como um dos elementos da construção da cultura, da

¹⁴ Pesquisa desenvolvida por Ana Paula Duarte, ex-bolsista Iniciação Científica do CNPq.

¹⁵ Pesquisa desenvolvida por Cecília Kilpp e Renata Sbroglio bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET-ESEF)

¹⁶ Todos os materiais doados ou emprestados para digitalização têm os direitos autorais cedidos ao CEME através de uma carta de cessão de direitos assinadas pelos entrevistados ou familiares.

identidade de sua cidade e das pessoas que nela vivem. Afinal, sem memória não há história.

Referências

- ALBERTI, V. *História oral e a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- CAMARGO, A. Prefácio. In: ALBERTI, Verena. *História oral e a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- FERREIRA, M de M. e AMADO, J. (orgs.) *Uso & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FRIZZO, G. F. E. Memórias da criação da Maratona de Porto Alegre. *Revista Digital Lecturas: Educacion Física y Deportes*. Buenos Aires, Ano 11, n. 100, setembro de 2006. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd100/maratona.htm>>. Acesso em 12 outubro de 2006.
- GOELLNER, S. V. Informação e documentação em esporte, educação física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 199-207, 2003.
- GOELLNER, S. V.; DAL SIN, K.; DUTRA, L. S.; ERNST FILHO, G. F.; MUHLEN, J. C.; ROMERO, C. S. de B. B.; DUARTE, A. P.; CARMONA, H. P.; MATTOS, L. C. ESEF 65 Anos: entre memórias e histórias. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 201-218, 2005.
- GOELLNER, S.V.; DAL SIN, K. O elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60. *Movimento*. Volume 12, número 1, pp. 153-171, 2006.
- JENKINS, K. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA Marieta de M. e AMADO, Janaína. (orgs.) *Uso & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- SIMSON, O. R. de M. von. Memória, poder e cultura na sociedade do esquecimento: um exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. In: FARIA FILHO, Luciano de (org.) *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.